ESTADO DE MINAS

Publicado em 01/04/2022 - 05:55

Contagem regressiva movimenta a política

LUIZ CARLOS AZEDO

ENTRE LINHAS

"A desistência de Moro e as dificuldades de Doria ampliam a possibilidade de candidatura unificada da terceira via, porém, no momento, beneficiam Bolsonaro, que encurta a distância em relação a Lula"

>>E-mail para esta coluna: luizazedo.df@dabr.com.br

Moro joga a toalha, Doria ainda não

Quinta-feira movimentada no xadrez das eleições presidenciais. O ex-juiz da Lava-Jato Sergio Moro deixou o Podemos e se filiou ao União Brasil (PSL+DEM) para ser candidato a deputado federal por São Paulo, como "puxador" de votos da legenda. Depois de um "piti" na quarta-feira, no qual denunciou a traição dos aliados e ameaçou permanecer no cargo, o governador de São Paulo, João Doria, manteve sua candidatura a presidente da República. Na despedida de ministros que deixaram os cargos para disputar as eleições, o presidente Jair Bolsonaro defendeu a ditadura militar e voltou a atacar o Supremo Tribunal Federal (STF). Vamos por partes.

A surpreendente decisão de Sergio Moro, que desistiu da candidatura à Presidência e trocou o Podemos pelo União Brasil, muda o cenário eleitoral em favor do presidente Jair Bolsonaro. O projeto de Moro sempre foi tomar os votos dos eleitores de Bolsonaro descontentes com sua atuação à frente do governo federal. No primeiro momento, no auge da pandemia de COVID-19 e da recessão, o projeto parecia ter consistência, mas Bolsonaro mostrou-se muito resiliente e manteve sua base eleitoral mais ideológica.

A franja capturada por Moro, cuja narrativa sempre esteve centrada na bandeira da ética, não se sobrepôs à força de agregação do governo como forma mais concentrada de poder. Como Bolsonaro está com sua vaga no segundo turno quase garantida, frustraram-se os planos de Moro, ainda mais porque esse cenário dificultou ainda mais o apoio interno no Podemos, cuja bancada de senadores se tornou refratária à candidatura. Com Álvaro Dias candidato ao Senado e o ex-procurador Deltan Dallagnol à Câmara, no Paraná, a melhor opção para Moro passou a ser disputar uma vaga de deputado federal em São Paulo, para ser o mais votado do Brasil. A possibilidade de ainda ser candidato a presidente da República, aventada no comunicado que Moro distribuiu, é mera formalidade.

Incêndio no ninho

Doria deixa o governo de São Paulo sob um ataque de piranhas. Na cena em que reafirmou a intenção de ser o candidato a presidente do PSDB, no Palácio dos Bandeirantes, na qual erguia o braço do presidente do PSDB, deputado Bruno Araújo (PE), era ostensivo o constrangimento: nos ritos eleitorais, deveria ser o contrário. Em nenhum momento Araújo sorriu, pois é um dos dirigentes da cúpula do PSDB que sonham com a desistência de Doria, para que o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo leite, derrotado nas prévias pelo governador paulista, venha a ser de fato o candidato da "terceira via".

Foram 24 horas de muita tensão interna no PSDB, a partir do momento em que Doria, numa reunião muito tensa, acusou o vice Rodrigo Garcia de conivência com as articulações para remover sua candidatura à Presidência. Essas articulações são lideradas pelo deputado Aécio Neves (MG), desafeto figadal de Doria, e outras lideranças tucanas, como o senador Tasso Jereissati (CE) e o ex-senador José Aníbal (SP).

Até aí, era jogo jogado, mas o governador paulista saiu do sério quando soube que a bancada paulista estava só esperando sua saída do Palácio dos Bandeirantes para entrar no jogo bruto contra sua candidatura. Foi aí que sobrou para Garcia, o vice-governador responsável pela articulação eleitoral em São Paulo, que também se comprometeu a bancar a candidatura de Doria à Presidência. É preciso ver para crer.

Bolsonaro na ofensiva

Tanto a desistência de Moro quanto as dificuldades de Doria ampliam a possibilidade de uma candidatura unificada da terceira via, porém, no momento, objetivamente, quem mais se beneficia dessa situação é o presidente Jair Bolsonaro. As pesquisas estão mostrando que o presidente da República começa a recuperar gradativamente sua popularidade, encurtando a distância em relação ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em tese, seria uma oportunidade para Bolsonaro acenar aos eleitores mais moderados, deixando de lado a radicalização do seu discurso político. Mas não é isso o que está acontecendo.

Bolsonaro ontem voltou a enaltecer o golpe militar de 1964, endossou a nota do ministro da Defesa, Braga Netto, que deixou o cargo para ser seu vice. E novamente atacou o Supremo Tribunal Federal, com declarações desrespeitosas: "Nós aqui temos tudo para ser uma grande nação, para ser exemplo para o mundo. O que falta? Que alguns poucos não nos atrapalhem. Se não tem ideias, cale a boca! Bota a tua toga e fica aí sem encher o saco dos outros! Como atrapalham o Brasil!"

Ontem, além de Braga Netto, deixaram o governo os ministros Tarcísio Gomes de Freitas (Infraestrutura); João Roma (Cidadania); Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos); Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia), Onyx Lorenzoni (Trabalho), Flávia Arruda (Governo), Tereza Cristina (Agricultura), Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional) e Gilson Marinho (Turismo). Todos serão candidatos nas eleições, alguns a governador, como Tarcísio de Freitas e João Roma, em São Paulo e Bahia, respectivamente; outros ao Senado, como Teresa Cristina, por Mato Grosso do Sul, e Flávia Arruda, por Brasília.

ELEIÇÕES

Ex-juiz e ex-ministro do governo Bolsonaro desiste de disputar o Palácio do Planalto e troca o Podemos pelo União Brasil para concorrer a uma vaga na Câmara por São Paulo

Moro agora quer ser deputado

EVARISTO SA/AFP

Após se filiar ao partido União Brasil, Sergio Moro foi criticado pela direção do Podemos, que diz não ter sido comunicada da desistência

Brasília – O ex-juiz federal e ex-ministro do governo Bolsonaro Sergio Moro anunciou ontem sua desistência da candidatura à Presidência da República para concorrer a deputado federal por São Paulo. Ele estava em terceiro lugar nas pesquisas eleitorais, empatado com o ex-governador Ciro Gomes (PDT), oscilando entre 6% e 8%. Moro decidiu deixar o Podemos, onde ingressou em novembro de 2021 e se filiou ontem ao União Brasil, em um hotel na capital paulista. A decisão ocorreu após reunião com o deputado federal Júnior Bozzella, vice-presidente da legenda. A desistência da disputa pelo Palácio do Planalto foi exigência do secretário-geral do União Brasil, ACM Neto.

"Para ingressar no novo partido, abro mão, neste momento, da pré-candidatura presidencial e serei um soldado da democracia para recuperar o sonho de um Brasil melhor", disse Moro nas redes sociais. Ele afirmou também que aceitou o convite do União Brasil porque o Brasil precisa de uma alternativa "que livre o país dos extremos, da instabilidade e da radicalização".

"Por isso, aceitei o convite do presidente nacional do União Brasil, Luciano Bivar, para me filiar ao partido, e assim facilitar as negociações das forças políticas de centro democrático em busca de uma candidatura presidencial única", afirmou.

A presidente do Podemos, deputada federal Renata Abreu (SP), afirmou que soube pela imprensa sobre a saída do ex-ministro do partido. "Para a surpresa de todos, tanto a Executiva Nacional quanto os parlamentares souberam via imprensa da nova filiação de Moro, sem sequer uma comunicação interna do ex-presidenciável", disse, em nota.

Renata Abreu ressaltou que o Podemos sempre respeitou o "momento de vida profissional e pessoal" de Moro. Ela afirmou ainda que a sigla ficou por mais de um ano conversando com ele até a filiação e lançamento da pré-candidaturae em busca de "oferecer ao Brasil uma esperança contra a polarização dos extremos".

A carta também destaca que, apesar de não ter "a grandeza financeira" de outros partidos, o Podemos "sonha grande". O comunicado afirma ainda que "não mediu esforços" para garantir tudo que fosse preciso para uma "pré-campanha robusta", e citou o evento de filiação, assim como os apoios fornecidos a Moro para que pudesse circular em segurança pelo Brasil.

Um das razões para a saída de Sergio Moro do Podemos teria sido financeira. Renata Abreu não estaria disposta a investir recursos do partido numa campanha presidencial, que é muito mais cara do que as estaduais. O Podemos terá neste ano a 11ª maior parte do fundo partidário, cerca de R$ 187 milhões. O União Brasil, por sua vez, receberá R$ 770 milhões. A legenda foi a mais beneficiada com o novo fundão de R$ 4,9 bilhões, aprovado no Congresso Nacional. Oficialmente, o partido afirma que deu a Moro "total garantia de recursos" para a campanha de 2022. "O Podemos não tem a grandeza financeira daqueles que detêm os maiores fundos partidários, como é sabido por todos", disse a legenda em nota.

"TRAÍRA E MENTIROSO"

O presidente Jair Bolsonaro xingou Sergio Moro durante sua live semanal, ontem, quando comentava o relatório da Polícia Federal que o inocenta das acusações de interferência na instituição, sobre o qual o ex-juiz é autor da denúncia. "Sergio Moro, além de traíra, é mentiroso", disse o presidente. O relatório da PF sobre a conduta do presidente foi enviado ao Supremo Tribunal Federal quase dois anos após a denúncia.

No documento, a PF afirmou que o ex-ministro da Justiça e Segurança Pública também não pode ser enquadrado em ato criminal. Caberá à Procuradoria-Geral da República decidir se arquiva ou não o caso.

Doria mantém pré-candidatura

ANA MENDONÇA E ÍGOR PASSARINI

GOVERNO DE SP/DIVULGAÇÃO

Doria resistiu às pressões internas do PSDB e renunciou ao governo de SP

O governador João Doria (PSDB) anunciou ontem sua renúncia ao cargo e confirmou sua pré-candidatura ao Palácio do Planalto pelo PSDB. "Pesquisas mostram que nem Bolsonaro nem Lula têm a confiança do brasileiro. Estamos numa eleição de rejeitados. A desaprovação de um e de outro é o que alimenta o voto de um e de outro. Agora, é a vez de o voto ser a favor do Brasil", afirmou Doria. "Vamos defender a democracia, a liberdade e o futuro do Brasil. Obrigado, São Paulo, por me dar a oportunidade de ser governador deste estado."

Doria começou o discurso elogiando o vice-governador Rodrigo Garcia, que deve ser o candidato ao governo de SP pelo PSDB. "São Paulo foi governado por dois governadores. Por isso, agradeço ao meu amigo Rodrigo Garcia", afirmou. "Eu não costumo ler discursos. Mas hoje, excepcionalmente, vou ler. Porque este tem um significado muito importante. Chego neste dia com um sentimento de satisfação, realização e paz. Consegui honrar os compromissos com o governo de São Paulo", disse.

Emocionado, Doria relembrou a trajetória política. "Por três anos e três meses, trabalhei de graça e feliz", conta. "Tive coragem para tomar atitudes e encarar decisões", completou. Em seguida, o ex-governador lembrou da ditadura militar no Brasil, que chegou ao fim há exatos 35 anos, e o exílio a que seu pai foi condenado. Neste momento, o pré-candidato condenou os dias do governo militar. "Nunca mais", pontuou.

"Eu poderia ter ficado na arquibancada e nunca ter ido para o campo. Mas, assim, eu não honraria meu pai", disse o político. "Agradeço à população de São Paulo que acreditou no meu trabalho", continuou. Ainda durante o discurso, Doria criticou o governo do presidente Jair Bolsonaro (PL) e elogiou a imprensa. "Lutamos contra o governo negacionista do governo Bolsonaro. Agradeço aos pesquisadores do Butantan, que, de São Paulo, ajudaram a salvar milhões de vidas no Brasil", afirmou. "Trouxemos a vacina e acreditamos que esse era o único movimento para voltar à normalidade e conseguimos superar a pandemia". Mais cedo, nos bastidores da política, havia um boato de que Doria iria desistir da renúncia. Apesar disso, depois de uma reunião com tucanos no Palácio dos Bandeirantes.

Doria também relembrou sua atuação como governador, especialmente seu papel no combate à pandemia da COVID-19, e fez acenos a setores como o do agro e os empresários. Fez ainda críticas aos governos do PT, que culpou pela crise econômica atual, e de Bolsonaro. "Chego até aqui com a satisfação de ter cumprido o dever que assumi com o povo de São Paulo, e paz de espírito por ter seguido os preceitos morais transmitidos pelo meu pai, João Doria. Sem ter sucumbido às vaidades do poder nem a ambições pessoais", disse o governador.

REPERCUSSÃO A reportagem do **Estado de Minas** repercutiu a decisão de Doria com integrantes da bancada do PSDB na Câmara dos Deputados. Para o deputado federal Eduardo Barbosa, o agora ex-governador de São Paulo "já fez muita confusão" e não vai viabilizar sua candidatura à Presidência da República. "Terá uma composição de partidos do centro. No PSDB, só o Leite tem essa condição de agregar para cabeça de chapa ou vice. Confio nele como cabeça", declarou.

Já o deputado federal Domingo Sávio, disse que pode deixar o PSDB até hoje por causa da disputa entre Dória e Leite. "A falta de decisão do partido deixa a gente inseguro. Precisamos de clareza, definir que posição nós vamos tomar. Está em jogo o futuro do país, e não só a eleição", afirmou. Questionado sobre o possível novo partido, Sávio disse que isso ainda não foi definido. "Estou embarcando de Brasília para Belo Horizonte e vou me reunir com duas siglas. O que posso adiantar é que eu, seguramente, não vou tomar um caminho semelhante ao do Geraldo Alckmin (que foi para o PSB)", explicou.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Pagina:** 4

Copyright © Clipclap 2025.